

# DISSIDÊNCIAS INTRA-PARTIDÁRIAS E ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO POLÍTICA: OS CASOS DE HOMERO BAPTISTA E JOAQUIM FRANCISCO DE ASSIS BRASIL

## *INTRA-PARTIDIAL DISSIDENCES AND POLITICAL INSERTION STRATEGIES: CASES OF HOMERO BAPTISTA AND JOAQUIM FRANCISCO DE ASSIS BRASIL*

Tassiana Maria Parcianello Saccol<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente estudo tem como objetivo apresentar algumas reflexões acerca da dissidência intra-partidária, fenômeno que marcou o cenário político do Rio Grande do Sul de fins do século XIX e início do século XX. A partir da análise das trajetórias de Homero Baptista e Joaquim Francisco de Assis Brasil - lideranças que romperam com o Partido Republicano Rio-Grandense logo que a agremiação assumiu o poder no estado – procuraremos avaliar a possível margem de manobra e iniciativa dos dissidentes, em um contexto marcado por práticas autoritárias e pela diminuta possibilidade de ação da oposição. O exame de um conjunto de correspondências desses personagens indica que, nos anos subsequentes à Revolução Federalista (1893-1895), a estratégia de sobrevivência política da dissidência voltou-se para a tentativa de articulação com dissidências políticas de outros estados, visando à formulação de um partido de oposição nacional.

**Palavras-chave:** Partido Republicano Rio-Grandense. Dissidência. Política. Oposição.

### ABSTRACT

*The presente study has as its objective to present some reflections about the intra-partidial dissidence, phenomenon that faced the political scenario of Rio Grande do Sul at the end of the nineteenth century and the beginning of the twentieth century. Starting from the analysis of the trajectories of Homero Baptista and Joaquim Francisco de Assis Brasil – leadership that broke off with the Rio-Grandense Republican Party as soon as the association assumed power in the state – we will try to evaluate the possible margin maneuver and initiative of the dissidents, in a context marked by authoritarian practices and by the small possibility of opposing action. The examination of a set of correspondences of those characters indicates that, in the years following the Federalist Revolution (1893-1895), the strategy of political survival of the dissidence turned to the attempt of articulation with political dissidences of other states, aiming at the formulation of a national opposing party.*

**Keywords:** Rio-Grandense Republican Party. Dissidence. Policy. Opposition.

---

<sup>1</sup> Possui Licenciatura em História pela Universidade Federal de Santa Maria (2010). É Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2013).

## INTRODUÇÃO

A instabilidade política e administrativa foi a marca do processo de institucionalização republicana em todo o Brasil. Para além das disputas ocorridas entre os grupos ascendentes e aqueles derrubados do poder, bem como da prática corrente do adesismo, as dissidências intra-partidárias também foram uma constante no cenário político da década de 1890. No caso do Rio Grande do Sul, divergências entre algumas das principais lideranças do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), que assumiu o poder na República, fizeram-se sentir em várias oportunidades. Tais disputas internas ocasionaram não só o completo desligamento de lideranças históricas da agremiação, mas também a atuação dos mesmos nas fileiras da oposição.<sup>2</sup>

Gunter Axt (2011), avaliando o lento processo de construção da hegemonia castilhistaborgista, afirmou que este envolvia a cooperação, a competição e o confronto entre as próprias lideranças do partido e entre estas o mandonismo local. Para este autor, “como qualquer outro partido na República Velha, o PRR não passou de um somatório de facções dirigidas por comandos pessoais, em torno dos quais se articulavam redes de compromissos”, ao que complementa que a única diferença esteve “[...] nos instrumentos de controle mais eficazes, garantidos pela carta de 1891, que podiam ser esgrimidos com mais precisão pela facção assenhorada do poder” (AXT, 2011, p. 103).

Considerando os partidos políticos e, nesse caso, o PRR, como um espaço de abrigo de facções e interesses diversos, o processamento das dissidências pode ser observado sob novo viés, que vai além de discordâncias ideológicas ou de incompatibilidades pessoais lidas por um viés psicológico. Luiz Alberto Grijó chamou atenção para a importância de se analisar características como o “faccionismo, a segmentariedade e a personificação das relações diádicas de reciprocidade, a fim de que se tenha uma visão mais clara do que foi o PRR e de qual teria sido a sua dinâmica histórica” (GRIJÓ, 1999, p. 67). Logo, o ajuste do olhar sobre as características do partido pode facilitar a compreensão acerca de suas cisões recorrentes, bem como da margem de atuação e estratégias de sobrevivência política dos dissidentes naquela conjuntura.

Tomando o ato de abandonar o partido como recurso último, a questão norteadora deste texto é a de saber quais os mecanismos que per-

---

2 Maiores informações a respeito do cenário político nacional relativo à Primeira República podem ser encontradas em LAPA (1990) e JANOTTI (1999), enquanto que referências importantes sobre o Rio Grande do Sul do mesmo período podem ser encontradas em RECKZIEGEL; AXT (2007).

mitiram que os dissidentes continuassem ativos no cenário político da virada do século. O fio condutor de nossa análise será o acompanhamento dos percursos e experiências de dois dissidentes do PRR: Joaquim Francisco de Assis Brasil e Homero Baptista.<sup>3</sup> De modo geral, a observação de alguns aspectos da trajetória desses agentes nos permitirá “avaliar estratégias e ações de atores em diferentes situações e posições sociais”, bem como “[...] seus movimentos, seus recursos, as formas como os utilizam ou procuram maximizá-los, suas redes de relações, como se estruturam, como as acionam, nelas se locomovem ou as abandonam” (GRYNZSPAN, 1990, p. 74-75).

Nossa fonte privilegiada de estudo serão as correspondências particulares. Este tipo de documentação tem como característica informar sobre relações efetivas, que nelas aparecem com seus conteúdos e atributos. Acerca das potencialidades desse material, José Maria Imízcoz (2011) afirma que eles revelam o desenvolvimento das ações por parte dos agentes, a mobilização dos atores implicados, a circulação de informação e o intercâmbio de bens e serviços.

O exame da documentação referida indica que a estratégia de sobrevivência política dos dois personagens, em determinado momento, priorizou a articulação com dissidentes de outros estados do Brasil, numa tentativa de conectar interesses políticos regionais e nacionais dos grupos opositores. Aproveitando-se da conjuntura de cisão do Partido Republicano Federal em nível nacional, seguida pela dissensão ocorrida dentro do

---

3 Ambos faziam parte da elite política e econômica rio-grandense e atuaram junto ao PRR, desde a sua fundação, no ano de 1882. Assis Brasil era bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo (1881) e, na década de 1880, elegeu-se deputado provincial pelo PRR, por duas legislaturas consecutivas. Proclamada a República, foi Deputado à Assembléia Constituinte Federal de 1891. No mesmo ano, entrou em desacordo com Júlio de Castilhos e o PRR, participando dos protestos contra o golpe de estado de Deodoro da Fonseca e, posteriormente, integrando a junta que passou a governar o Rio Grande do Sul em substituição a Castilhos. Com a derrubada do Marechal Deodoro, afastou-se da junta, sendo nomeado, no ano seguinte (1892), por Floriano Peixoto, para o serviço diplomático, nele atuando até o ano de 1907. Retornando ao Rio Grande, voltou a participar da oposição ao PRR, solidarizando-se com a campanha de Fernando Abbott e participando da fundação do Partido Republicano Democrático (1908). Posteriormente, teve atuação política destacada na década de 1920, quando se candidatou ao governo do estado (1922), em oposição à quinta candidatura de Borges de Medeiros e, como liderança civil da Revolução de 1923 (FRANCO, 2010; AITA, 2006; BROSSARD, 1989). Por sua vez, Homero Baptista era bacharel em Direito pela Faculdade de Recife (1884). Proclamada a República, foi Superintendente da Fazenda do Estado do RS (1890), deputado à Assembléia Constituinte Federal de 1891 e membro da primeira legislatura da Câmara Federal (1891-93). Dissentindo de Castilhos, participou da fundação do Club Republicano Autonomista e do Partido Republicano Liberal entre os anos de 1894 e 1896. Em 1906, foi reincorporado ao PRR, sendo eleito deputado federal por duas legislaturas (1906-1912). Posteriormente, foi Ministro da Fazenda do governo de Epitácio Pessoa (1919-1922), vindo a falecer dois anos depois. (FRANCO, 2010; MARTINS, 1978; AITA; AXT; ARAÚJO, 2006).

Partido Republicano Paulista, e dos contatos com lideranças da alçada de Prudente José de Moraes Barros, os dois personagens se posicionaram politicamente, investindo no aumento de seu prestígio e visibilidade pelo tipo de aliança que eram capazes de formular. É provável que sua capacidade de articulação com lideranças nacionais tenha sido um dos fatores que lhes garantiram uma carreira política longa, apesar da dissidência.

## **1 O processamento das dissidências e as primeiras tomadas de posição após os rompimentos**

Conforme mencionamos, as disputas internas que ocasionaram as dissidências no núcleo do PRR ocorreram em várias oportunidades. Três conjunturas tiveram destaque especial. A primeira diz respeito ao período de institucionalização republicana e tem relação estreita com a ascensão de Castilhos como principal liderança da agremiação. A segunda teve vínculo direto com a sucessão do patriarca e a continuidade de Borges de Medeiros no poder, ocasionando as famosas disputas nas eleições estaduais em 1907. A terceira e última, ocorrida nos anos 1915-16, é fruto de um contexto de fragilização do PRR, ocasionado tanto pela morte do senador Pinheiro Machado quanto pela enfermidade de Borges de Medeiros, que reavivou as discussões em torno da passagem do cetro de poder (AXT, 2001).

Para fins deste texto, importa-nos o primeiro contexto de dissidência. Já no ano de 1891, romperam com o PRR importantes lideranças históricas, dentre elas Demétrio Ribeiro, Antão de Faria, João de Barros Cassal e Joaquim Francisco de Assis Brasil. Entre 1894 e 1895, também deixariam a agremiação os irmãos Álvaro e Homero Baptista, Francisco Miranda e Pedro Moacyr. De modo geral, a leitura da documentação primária indica a existência de um misto de motivações para as cisões. Estas envolviam divergências ideológicas, o descontentamento com a submissão do PRR frente às ações do governo federal (muitas das decisões partidárias acabaram ferindo o princípio federativo, defendido até então), as modificações na estrutura organizacional da agremiação (que passou a ser cada vez mais centralizada) e a sobreposição da chefia de Júlio de Castilhos, que implicou na perda de espaço e importância política por parte das demais lideranças partidárias.<sup>4</sup>

---

4 É importante ressaltar que, para além das motivações formais das cisões - expressas especialmente através da imprensa e de documentos públicos - é bastante provável que o peso das vaidades, da honra pública, da notabilidade social entre os pares e do patrimônio material e imaterial dos envolvidos nas disputas também se constituíssem em fatores consideráveis nos conflitos.

Observemos de perto as manifestações de Assis Brasil e Homero Baptista a respeito de seus rompimentos. A exposição de motivos por parte de ambos deixará claro que a trama política do início da década de 1890 estava bastante conturbada. Assis Brasil escreveu carta aberta aos correligionários, que circulou amplamente pela imprensa opositora em fins de 1891. No documento, ele discorre sobre uma série de discordâncias que vinha tendo com Castilhos e o partido, mencionando, por exemplo, o seu descontentamento para com a postura do correligionário no episódio da eleição de Deodoro da Fonseca à presidência da República e o seu desacordo com a Constituição Estadual de 1891, redigida por Castilhos. Em meio a essa exposição, sobressai ainda o descontentamento para com o poder crescente daquele que também era seu amigo e cunhado. Conforme Assis Brasil, Castilhos “não é o dono do PRR e nem da *Federação*, mas se comporta como tal”, “ao que reivindica que o PRR deveria” “[...] restaurar seu antigo sistema”.<sup>5</sup> A insatisfação causada pela sobreposição de Castilhos em relação as demais lideranças partidárias e a forma autoritária com que ele vinha agindo aparece mais claramente no trecho abaixo:

O Dr. Castilhos, tem se proclamado o diretor do partido republicano e promete dar a este a norma a seguir daqui em diante. O partido a que pertenço não tem diretor algum oficial ou oficioso; ele rege-se segundo as palavras textuais de sua lei orgânica, por um congresso legislativo e por uma comissão executiva das deliberações desse congresso.

O Dr. Castilhos não tem autoridade nenhuma desse gênero, assim como não a tem para estar descompondo e mandando descompor pela *Federação* aos seus correligionários [...]

O que o partido republicano deve fazer quanto antes, para evitar a continuação de tais irregularidades – é restaurar o seu sábio sistema, no qual ele organizou-se, educou-se e preparava-se para vencer.

Convoquemos um congresso do partido.

Este congresso que eleja a respectiva comissão executiva e esta que governe o partido, aproveitando o fecundo exemplo do passado, que, entre outras coisas, mostra bem claramente quanto é funesto transformar partidos de opinião em simples excrescências do oficialismo.<sup>6</sup>

5 Manifesto de Dezembro de 1891. Publicado no jornal *O Rio Grande*, entre os dias 19, 21 e 29 de dezembro. (Acervo do IHGRGS).

6 Idem.

Como se pode ver, as transformações no *modus operandi* do partido se deram de forma muito rápida após a implantação da República.<sup>7</sup> A ascensão de Castilhos como principal liderança partidária, as decisões por ele tomadas arbitrariamente, desconsiderando a opinião dos demais líderes, e a ascendência que passou a ter sobre o jornal, foram motivos de desagrado por parte de Assis Brasil, bem como de outros correligionários.<sup>8</sup> Isso significa que, longe de a liderança do primeiro ter se imposto naturalmente, vários correligionários reivindicaram a perda de espaço que vinham sofrendo.

Homero Baptista, por sua vez, em documento de caráter privado, também faz menção às abruptas mudanças ocorridas no interior da agremiação, que contrastavam com o que havia sido firmado à época da propaganda republicana. Correspondendo-se com um correligionário, afirmou que “Os desacertos do governo do Estado, pela negação dos princípios republicanos outrora pregados e das práticas partidárias instituídas pelos antigos congressos”, foram os motivos que “compeliram um grupo, assaz numeroso, de insuspeitos servidores da República a não seguir os atuais dominantes no desvio escandaloso em que se atropelam de erro em erro”.<sup>9</sup>

7 Historiograficamente, essas mudanças já foram apontadas por vários trabalhos. Joseph Love, por exemplo, destaca que na nova ordem republicana, Castilhos “quase chegou a ser visto como um deus pelos seus prosélitos”, ao que complementa referindo que “[...] o costume de convocar sessões plenárias freqüentes do partido, que tinha sido praxe durante os anos de agitação contra o Império, foi abandonado no caótico período que sucedeu ao nascimento da República, e, suspensa a guerra, o chefe do partido não viu nenhuma razão para retomá-lo. Efetivamente, nenhum congresso do PRR ocorreu entre 1889 e 1923. Na posição de dirigente do partido, Castilhos reservava-se todas as grandes decisões políticas e a maioria das que eram menores.” (LOVE, 1975, p. 82).

8 Essas eram reclamações constantes por parte de Demétrio Ribeiro, João de Barros Cassal e Antão de Faria, no jornal *O Rio Grande*, órgão da dissidência. Em seu primeiro número, *O Rio Grande* dizia ter aparecido com um programa – o do velho partido republicano –, no momento em que este, junto ao seu órgão oficial, esqueciam de seu passado, “deixando, como por inúteis e inaplicáveis, as doutrinas cuja realização constituiu o partido republicano”. (Jornal *O Rio Grande*, 06/12/1890. Acervo do IHGRGS). Em número posterior, criticando a performance de Castilhos, Demétrio Ribeiro apontou que, proclamada a República, “foi o primeiro empenho do odiento cacique-mirim anular a comissão executiva eleita regularmente pelo partido, a fim de tornar-se o seu fac-totum”. (Jornal *O Rio Grande*, 01/11/1890. Acervo do IHGRGS). Por fim, a respeito das participações no jornal *A Federação*, Demétrio Ribeiro aponta que “sucessivos sacrifícios fizemos todos no período em que a confiança recíproca entre nós se desenvolvia pela identidade de conduta. Colaborei nela desde o seu primeiro número, fazendo-o em algumas épocas, com assiduidade ininterrupta”, ao que contrastava a sua recente perda de espaço na folha, reclamando: “da má vontade recente da *Federação* contra mim, a repulsa sistemática aos meus escritos e aos escritos de outros companheiros” (Jornal *O Rio Grande*, 21/10/1890. Acervo do IHGRGS).

9 Correspondência de Homero Baptista a Vasco Xavier de Carvalho. 07-05-1896. s/n. Arquivo particular de Homero Baptista. Acervo do IHGRGS.

Ainda que Assis Brasil e Homero Baptista tenham abandonando as fileiras do PRR em conjunturas parecidas e se utilizado de argumentos bastante próximos para tal, suas primeiras tomadas de posição após o rompimento foram distintas. O caso de Homero Baptista revela um investimento bastante intenso no cenário regional, ainda que o espaço de atuação conferido às oposições fosse bastante restrito. Em 1894, junto a outros dissidentes, funda o Club Republicano Autonomista, além de ter colaborado para a circulação de um jornal de oposição, *A República*. Mais tarde, os autonomistas, fundiram-se à facção dissidente mais antiga, formando uma nova agremiação política, o *Partido Republicano Liberal*.<sup>10</sup>

Em fase de organização, era necessário que o novo partido buscasse criar uma base de sustentação e apoio eleitoral. Daí que Homero Baptista tenha escrito para uma série de pessoas influentes nas localidades do interior do estado, explicando como a agremiação havia surgido e quais os seus objetivos. A missiva a seguir é bastante ilustrativa:

Ilustre Sr. Major Vasco Xavier de Carvalho

Recebi minhas cordiais saudações. Conversando com vossos dignos irmão e sobrinho, inteirei-me do modo porque considerais a presente situação política de nosso Estado.

Folgo em registrar a conformidade de vossa opinião com as dos republicanos que promoveram a revivência das práticas partidárias instituídas pelos antigos congressos e a aplicação dos princípios outrora pregados, práticas e princípios que o governo rio-grandense renegou, ridiculariza e afronta.

Fiéis aos compromissos contraídos durante a propaganda, todo o nosso esforço almeja organizar o partido, que pelos meios legais, institua, consolide e desenvolva em nossa ter-

---

10 Além de Homero Baptista, faziam parte do grupo dissidente do PRR, ligado ao *Club Republicano Autonomista*, Álvaro Baptista, Francisco Miranda, Pedro Moacyr e outros. Esse grupo ficou também conhecido como 'nórmicos', por defenderem as antigas normas que haviam regido o partido republicano, à época da propaganda. Quanto ao jornal *A República*, porta-voz dos autonomistas, este era editado em Porto Alegre e circulou entre os anos de 1895 e 1898, tendo como responsáveis os irmãos Homero e Álvaro Baptista, Pedro Moacyr, Alcides Maya, Francisco Miranda, entre outros. A respeito do *Partido Republicano Liberal*, este foi criado em congresso realizado em Porto Alegre em 10 de julho de 1896, reunindo o grupo autonomista e a antiga dissidência do PRR, formada por Antão de Faria e Barros Cassal. Em 1897, houve tentativas de fusão do PRL com o Partido Federalista, com o objetivo de uniformizar a ação das oposições no Estado, no entanto, por uma série de divergências, a fusão não chegou a ocorrer. Posteriormente, a própria dissidência entrou em atrito, de modo que, tanto o jornal *A República* quanto o próprio PRL tiveram vida efêmera, não sobrevivendo à virada do século. (FRANCO, 2010; OSÓRIO, 1992; SILVA; CLEMENTE; BARBOSA, 1986.).



ra o regime republicano de conformidade com aquele compromisso e com os princípios fundamentais da Constituição de 24 de fevereiro de 1891.

Seguro de que não recusareis vossa atividade à recriação de tão nobre e patriótico *desideratum*, rogo-vos que promovais nessa localidade a união de todos os bons elementos, para a constituição aí do verdadeiro partido que deve praticar e refazer a República.<sup>11</sup>

Mas se o posicionamento de Homero Baptista foi de completo envolvimento nas questões de política regional, destacando-se o seu enfrentamento ao PRR tanto por meio de um jornal quanto de um partido opositor, o mesmo não se pode dizer para o caso de Assis Brasil. Rompido com o PRR desde 1891, esse prestou serviços ao governo federal por muitos anos, principalmente na condição de diplomata.<sup>12</sup> Portanto, sua carreira política, pelo menos ao longo da década de 1890, foi marcada pelo afastamento em relação aos principais debates do cenário regional. Não obstante, isso não significa que ele tenha se mantido absolutamente alheio ao que vinha acontecendo no Rio Grande do Sul.<sup>13</sup> Quando da formação do PRL, por exemplo, este escreveu a Francisco Miranda, solidarizando-se com a agremiação

11 Correspondência de Homero Baptista a Vasco Xavier de Carvalho. 07-05-1896. s/n. Arquivo particular de Homero Baptista. Acervo do IHGRGS. O Major Vasco Xavier de Carvalho era importante liderança municipal do interior do estado, tendo atuado politicamente nos municípios de São Lourenço e Alfredo Chaves. Conforme informações coletadas no jornal *A Federação*, nos primeiros anos republicanos, o Major fez parte da administração do município de São Lourenço, tendo sido vice-presidente da intendência no ano de 1891, suplente do juiz municipal e de órfãos em 1892 e major comandante das forças civis no município em 1894 (Fonte: *Jornal A Federação*, 16/07/1891, 29/10/1892 e 15/03/1894. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira).

12 Em 1892, passa a exercer a função de Ministro Plenipotenciário e Enviado Extraordinário na Argentina; de 1895 a 1898 ocupa o mesmo cargo em Lisboa, quando assume, então, a representação diplomática brasileira em Washington (1898-1903). Em 1903, convocado pelo Barão do Rio Branco, retorna ao Brasil para discutir, com a Bolívia, os termos da chamada Questão do Acre. Em 1905 retornou a Buenos Aires, ali permanecendo até 1907, quando deixa o serviço diplomático. Retornando ao Rio Grande do Sul neste ano, participa ativamente da campanha do dissidente Fernando Abbott ao governo do estado (FRANCO, 2010; BROSSARD, 1989; AITA, 2006).

13 Exemplo disso é que, no contexto da Revolução Federalista, integrando a legação brasileira em Buenos Aires, e percebendo a preparação do cenário de guerra no Rio Grande, Assis Brasil empenhou-se para que o governo federal oferecesse uma solução apaziguadora aos grupos em atrito. Correspondendo-se com Floriano Peixoto, Assis Brasil apontou estar convencido de que “a [...] situação do Rio Grande, como está é insustentável”, chegando a sugerir que somente uma intervenção federal seria capaz de resolver o problema (Correspondência de Assis Brasil a Floriano Peixoto. Buenos Ayres, 05/01/1893, n. 264. Arquivo Floriano Peixoto – Acervo do Arquivo Nacional.).



fundada pelos dissidentes autonomistas. Segundo Assis Brasil:

Sinto a necessidade de deixar-lhes duas palavras escritas que você publicando faça chegar aos amigos a quem não pude dizê-las verbalmente, relativamente à atual situação [...]

Sou declarado adversário de todos os sistemas mais ou menos ditatoriais como o que foi instituído sem o voto consciente do povo rio-grandense. Assim pensando não poderia deixar de aplaudir a organização, ou melhor, a reorganização de um partido republicano com agrado, que prega a reforma da atual ordem de coisas no sentido democrático [...] Não se deve cogitar de um partido novo, mas de aviventar ou ressuscitar o antigo, cujo culto está esquecido ou profanado. Se alguém está em dissidência com o PRR não são os democratas.<sup>14</sup>

É somente na virada do século, conjuntura em que Assis Brasil retorna ao país para fazer parte da legação que buscou resolver a questão do Acre, que este passa a se envolver mais diretamente nas questões de política doméstica. Sendo esse um contexto em que o poder do PRR havia se firmado no estado e, em contrapartida, a oposição federalista estava enfraquecida no pós-revolução, a estratégia de inserção política tanto dele quanto de Homero Baptista, passa a ser a tentativa de articulação com lideranças dissidentes de fora do Rio Grande, especialmente de São Paulo.

Para Homero Baptista, que encontrara percalços tanto com os próprios dissidentes – o grupo ligado ao PRL havia se dividido em 1897 – quanto no estabelecimento de aliança com os federalistas, as composições com os líderes paulistas, visando à consecução de um partido de oposição nacional, foi aos poucos se apresentando como a melhor opção de sobrevivência política: estabelecia-se vínculo com agentes alheios ao histórico do estado, ao mesmo tempo em que esse tipo de aliança poderia trazer certo vigor à dissidência dentro do Rio Grande – dado o prestígio dos líderes com quem buscavam articulação – onde ela quase nunca adquiriria ares de importância. Era esse tipo de aliança que Homero Baptista e Assis Brasil tomaram como preferenciais e, onde optaram por investir, na virada do século.

## 2 Buscando alianças políticas no cenário nacional

Como se sabe, ao longo de toda a Primeira República brasileira, os

---

14 Carta de Assis Brasil a Francisco Miranda. Rio Grande, 11-08-1896. Citado por O'DONNELL (1987, p. 106).

partidos republicanos regionais formaram a base de sustentação política do regime. Somente duas agremiações de bases nacionais existiram neste período e ambas tiveram curta duração. Foram elas o Partido Republicano Federal (1893-1897) e o Partido Republicano Conservador (1910-1915) (VISCARDI, 2001). Interessa-nos o primeiro, criado em meio à falta de um núcleo político de sustentação do regime. Segundo Witter (1984), o Partido Republicano Federal (PRF) teve como finalidade garantir a primeira candidatura civil à presidência da República e oferecer as bases necessárias a essa administração.

A proeminência dos republicanos históricos paulistas era nítida dentro da agremiação, de modo que o partido acabou por conduzir Prudente de Moraes à presidência e, depois dele Campos Sales. Em 1897, no entanto, ocorreu uma grande divisão dentro do PRF (WITTER, 1984). Essa divisão, sucedida pelo início do governo Campos Sales, fez com que Prudente de Moraes fosse sendo isolado, isolamento que acabou ocorrendo também no interior do Partido Republicano Paulista (PRP).<sup>15</sup> Isso fez com que um novo agrupamento partidário fosse pensado nesse momento, tendo Prudente de Moraes<sup>16</sup> como seu principal articulador (CASALECCHI, 1987).

15 O PRF foi fundado no Rio de Janeiro em julho de 1893, em reunião convocada pelo deputado Francisco Glicério e o senador Aristides Lobo, ambos membros do Partido Republicano Paulista. A intenção era fundar uma agremiação de cunho nacional, que respeitasse e defendesse a Constituição da República, suprimindo a falta de um núcleo de sustentação do novo regime. Em 1895, desacordos decorrentes da heterogeneidade de tendências políticas de seus membros, geraram os germes de cisões e dissidências dentro do partido, que se estenderam ao longo de 1896 e 1897, ano de seu desaparecimento (SETEMY, 2010). O PRP foi fundado em 3 de julho de 1873, constituindo-se no principal partido político da Primeira República. Tal era a força dos quadros da agremiação, que membros do PRP exerceram as três primeiras presidências civis da República (através dos mandatos de Prudente de Moraes, Campos Sales e Rodrigues Alves), nela permanecendo até o ano de 1906, período em que outros atores importantes passaram a ter maior protagonismo no cenário político. O PRP foi extinto por decreto de 1937 junto com os demais partidos do país, após a instalação do Estado Novo. (RAMOS, 2010).

16 Prudente José de Moraes Barros foi um importante líder político regional e nacional. Nasceu no interior de São Paulo no ano de 1841. Tornou-se Bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo no ano de 1863. Ainda nos anos de 1860, atuou politicamente junto ao Partido Liberal e, na década seguinte, passou a integrar o Partido Republicano Paulista, tornando-se uma de suas principais lideranças. Como candidato do PRP, foi eleito à Assembléia Provincial de São Paulo por várias legislaturas e também à Assembléia Geral (1885). Na primeira década republicana, foi governador do estado de São Paulo (1889-90), Constituinte Federal (1891) e Senador (1891-94), chegando, por fim, ao posto mais elevado da política nacional: a presidência da República (1894-1898). Deixou a presidência já rompido com o Partido Republicano Federal, agremiação que apoiou e sustentou a sua candidatura, vindo a atrair-se posteriormente com Campos Sales, seu sucessor. Discordâncias entre ambos fizeram com que, no ano de 1901, Prudente de Moraes também abandonasse o PRP, vindo a fazer parte da oposição. Faleceu no ano seguinte, em Piracicaba (LANG, 2010).

Homero Baptista, atento à movimentação no cenário nacional, aproveitou a oportunidade para buscar aproximação com o líder paulista.<sup>17</sup> Em correspondência a Prudente de Moraes, referiu-se à “necessária convergência de esforços para formação de um dos grandes partidos nacionais”, interrogando a seguir: “O que é de rigor saber, é se esse partido, que da convenção saiu aparelhado para a liça política, representa os princípios fundamentais de nossa doutrina, experimentada nos debates da propaganda, para que os bons republicanos se enfileirem nas suas legiões”.<sup>18</sup>

É importante ressaltar que o PRR estava bastante fortalecido nesse momento, e sendo assim, a busca de aliados de fora do estado era um trunfo político importante, no sentido de agregar valor político ao grupo dissidente que atuava no Rio Grande do Sul. Em correspondência, Homero Baptista chama atenção para o fato de que se o PRL viesse a ser uma ramificação de um partido nacional, isso lhe traria ares de importância política, o que seria importante para que se conseguisse mobilizar o eleitorado. Em suas palavras:

Conhecendo desde sempre vossas tendências e opiniões, estou seguro de exprimir que existe uma completa harmonia de vistas, em conjunto, entre as idéias do novo partido, cuja direção suprema não pode deixar de receber vossas inspirações, e as do partido que se formou aqui, em oposição ao castilhismo.

Estou certo, portanto, de que este partido, cuja ação, por enquanto, se limitava ao estado unicamente, será agora, dada aquela harmonia de conjunto, uma ramificação do partido nacional que se constituiu no grande centro do país. Desde

17 Os vínculos entre Prudente de Moraes e Homero Baptista ainda precisam ser melhor analisados por nós. É possível que tenham travado contato em São Paulo, quando Homero foi aluno da Faculdade de Direito, antes de ser transferido para o mesmo curso em Recife. (Sabe-se que a passagem pelas academias tiveram grande importância no processo de socialização dos jovens que ingressavam nos quadros políticos do país, uma vez que não só a convivência nas aulas e repúblicas, mas também a socialização ocorrida em cafés, livrarias, bibliotecas e jornais possibilitavam a formulação de laços não só entre os contemporâneos das faculdades, mas também com egressos de turmas anteriores (ADORNO, 1988; FILHO, 1982; VAMPRÉ, 1924). Por outro lado, os dois personagens podem ter travado contato quando fizeram parte da Assembléia Constituinte Federal de 1891, ou então nas reuniões do Partido Republicano Federal, uma vez que Homero Baptista foi o único rio-grandense a participar daqueles encontros partidários (WITTER, 1984). De todo modo, o volume de documentação que Homero Baptista enviou a Prudente de Moraes sugere que a relação entre ambos era relativamente estreita nos últimos anos da década de 1890.

18 Correspondência de Homero Baptista a Prudente de Moraes. Rio Grande, 22-01-1898. Lata 595, Pasta 19. Arquivo Particular de Prudente José de Moraes Barros. Acervo do IHGB.

que esse fato se acentue, vereis o ascendente crescente a vitorioso no nosso estado.

Até agora a nossa luta tem sido inteiramente desigual, e apesar disso, temos avançado sempre. No momento, porém, em que a opinião sentir que temos, para nossa ação política, um apoio eficaz em um grande partido representado em todos os estados, tudo se transformará, porque serão vencidas a timidez de uns e a indiferença de outros, situações que o castilhismo se empenha por manter, dando exemplos de opressão e fazendo compreender a sua invencibilidade.<sup>19</sup>

A partir da leitura da correspondência, percebe-se que há por parte de Homero Baptista certo diagnóstico negativo em relação ao cenário regional, que o mobiliza a buscar novas alianças para além deste espaço. Em outra oportunidade, ele se referiu à situação política do estado, destacando a existência de três partidos: “o dominante, o federalista, e o terceiro, que vos defende que não está em condição de estender linha em toda a parte, contra o inimigo, senhor de todas as posições”, e, complementa afirmando que, quando se trata de eleições, “por mais que o partido republicano a que pertenco se esforce, o partido dominante age sempre de modo a reduzir quanto pode a votação de seus opositores no estado”.<sup>20</sup>

Logo, atento tanto aos entraves a atuação da dissidência dentro do espaço regional quanto às oportunidades políticas surgidas entre os membros da elite política de renome nacional, Homero Baptista decide apostar no aumento da sua própria expressão política, bem como na do PRL, por meio de articulações com o líder paulista, esse de renome e prestígio inquestionáveis.

Além de Homero Baptista, também Assis Brasil parece ter tomado os membros da elite política de fora do estado como parceiros preferenciais. Foram inúmeras as correspondências trocadas com Prudente de Moraes, em conjuntura ligeiramente posterior aquela em que Homero Baptista buscou essa articulação.<sup>21</sup> Entre 1901 e 1902, Assis Brasil, de passagem pelo

19 Correspondência de Homero Baptista a Prudente de Moraes. Porto Alegre, 08-07-1897. Lata 595, Pasta 15. Arquivo Particular de Prudente José de Moraes Barros. Acervo do IHGB.

20 Correspondência de Homero Baptista a Prudente de Moraes. Rio Grande, 22-01-1898. Lata 595, Pasta 19. Arquivo Particular de Prudente José de Moraes Barros. Acervo do IHGB.

21 Os contornos e a profundidade da relação travada entre Assis Brasil e Prudente de Moraes ainda precisam ser melhor explorados por nós. De todo modo, o contato do rio-grandense com os paulistas parece ter sido até mais intenso do que o de Homero Baptista. Quando cursava Direito em São Paulo, Assis Brasil foi colega de turma de Alberto Sales, de quem também foi parceiro em vários periódicos à época da propaganda republicana, conforme

Brasil, atento a toda a movimentação política liderada pelo líder paulista, busca aproximação com o grupo opositor que se articula naquele momento.

Lembre-se que, para além da grande cisão ocorrida no seio do PRF em 1897, também no interior do Partido Republicano Paulista, uma série de desacordos vinha surgindo. Conforme Casalecchi (1987, p. 102), em congresso realizado em 1901, os membros do partido divergiram a respeito do candidato à sucessão no estado e da oportunidade da revisão da Constituição Federal de 1891, de modo que o PRP cindiu-se em dois grupos: “um deles girava em torno de Campos Sales, que apoiava os governos paulista e federal, conivente com a política dos governadores, e o outro girava em torno de Prudente de Moraes”, que acabou por lançar o *Partido Republicano Paulista Dissidente*. Este último propunha uma revisão constitucional no âmbito federal e estadual, como forma de atacar a ação política de Campos Sales. Extremamente articulada, essa dissidência chegou a realizar uma Convenção, onde se fizeram representar delegados da dissidência de vários municípios do estado. Em manifesto, declararam que partindo da organização no estado de São Paulo, o novo partido pretendia-se nacional (CASALECCHI, 1987).

Correspondendo-se com Prudente de Moraes a respeito desse novo partido, Assis Brasil analisa a situação política gaúcha, não só se referindo a possibilidade de arregimentação de bons correligionários, mas também deixando claro seu posicionamento a respeito da formulação de uma possível aliança com os federalistas. Assim escreve:

Cumprindo com a promessa que deixei, pus-me a escrever a V. Ex.

Em reserva lhe digo que a situação do Rio Grande não está clara. Penso que foi um erro o do Moacyr em fazer aliança estrita com os gasparistas. Para isto cedeu da pureza da doutrina e já se confessa parlamentarista. Mas ele é bom e ardoroso republicano e confio que voltará atrás.

---

indica Alonso (2002). Alberto, por sua vez, era irmão de Campos Sales, colega de faculdade de Prudente de Moraes, na década de 1860. Nos anos 1880, Assis Brasil ficou bastante conhecido na Paulicéia, após a publicação de sua obra *A República Federal* (1881). Inúmeras referências ao livro foram feitas nos jornais paulistas, tendo, inclusive, uma de suas edições sido subsidiada e distribuída gratuitamente pelo Partido Republicano de São Paulo (SACCOL, 2013), indicativo de que o gaúcho era intelectualmente reconhecido entre os propagandistas paulistas. Já na década de 1890, é possível que alguns laços tenham sido reforçados a época da Constituinte Federal (1891). Outro sintoma de uma boa relação com os paulistas é que, se comparado a outros dissidentes do PRR, Assis Brasil foi o único que conseguiu acesso à diplomacia nas presidências de Prudente de Moraes e Campos Sales.

O bom caminho no Rio Grande é o esquecimento do passado: começar obra nova, sem cheiro de aliança.

Nada presumo de mim; mas são tantas as aproximações que se me fazem no Rio Grande, - que estou certo em afirmar a V. Ex. que, em indo para lá de volta da diplomacia, serei capaz de lhe arregimentar um grande contingente de puros republicanos.<sup>22</sup>

Portanto, de acordo com a leitura do fragmento, percebe-se que o estabelecimento de aliança com os federalistas foi tratada com certa desconfiança por parte de Assis Brasil, pelo menos nesse momento. Daí sua opção por estabelecer laços políticos, por um lado, com aquilo que chama de ‘republicanos puros’ e, por outro, com parceiros alheios ao cenário rio-grandense. Em missiva escrita um ano depois, é possível concluir que as tratativas de aliança com os dissidentes de São Paulo caminhavam positivamente, tendo Assis Brasil sido convidado para a Convenção Paulista, referenciada anteriormente. Disse o rio-grandense a Prudente de Moraes:

Parto agora para a minha Legação, convencido de que ao regressar a esta pátria amada, continuarei a encontrar em V. Ex. o conforto que só os homens de seu valor podem dar. E comigo pode contar como um trabalhador ao seu lado [...] Na minha estância fui surpreendido pelo honroso convite da Convenção Paulista. Declinei da honra, porque não me julguei na altura da simples distinção pessoal que ela importava, desde que a estreiteza do prazo para a eleição não me permitiria sair a agitar pela maior parte do Estado a bandeira nova. Se isso fosse possível, a minha esperança havia de ser grande, não de me aproximar da vitória, mas de plantar fecundamente a semente do partido de que tanto necessita este país, para a sua normalidade. [...] <sup>23</sup>

É possível perceber através da leitura da correspondência de Assis Brasil a Prudente de Moraes, que existiu um movimento de mão-dupla no que se refere a ação política da dissidência não só para questionar os poderes instituídos e as elites detentoras desse poder, mas também para fornecer uma alternativa de projeto/programa partidário. Se, em um primeiro momento foi Assis Brasil quem buscou espaço dentro do novo agru-

22 Correspondência de Assis Brasil a Prudente de Moraes, Ilha Grande [Bordo do Itaituba], 27/10/1901, Lata 595, Pasta 30, Arquivo Particular de Prudente José de Moraes Barros. Acervo do IHGB.

23 Correspondência de Assis Brasil a Prudente de Moraes, Rio de Janeiro, 19-03-1902. Lata 595, Pasta 30, Arquivo Particular de Prudente José de Moraes Barros. Acervo do IHGB.

pamento político opositor que se formava, posteriormente, o convite para participar da Convenção e trabalhar em prol do novo partido em solo rio-grandense demonstra o reconhecimento de seu capital político por parte dos pares paulistas, bem como a necessidade da nova agremiação que se pretendia nacional, de compor com lideranças políticas e agrupamentos regionais, no sentido de formar uma base para sua sustentação.

Ainda que Assis Brasil tenha declinado da honraria, tanto o convite quanto a negativa para participar da Convenção demonstram a complexidade do jogo político da época. Por mais que sua estratégia de inserção política na virada do século passasse pela aliança com correligionários de fora do estado, Assis Brasil considerou inoportuno comprometer-se naquele momento, pois acreditava que o trabalho em condições desfavoráveis – o tempo para a eleição, segundo ele, era muito curto para os preparativos necessários – implicava em mais perdas do que ganhos políticos propriamente ditos. Essa questão é importante pois demonstra que, em espaços onde as oposições tinham restrita margem de atuação, toda a ação e as tomadas de posição deviam ser cuidadosamente pensadas e, mais do que isso, elas deveriam se concretizar apenas quando se contasse com uma certa margem de segurança.

A aliança estratégica entre os membros da dissidência rio-grandense e paulista – aqui analisada através do contato travado entre Homero Baptista, Assis Brasil e Prudente de Moraes – acabaria por se desfazer, ainda nos primeiros anos do século XX. A morte prematura do político paulista – principal liderança daquela dissidência – aliada a mudanças importantes no cenário rio-grandense – dadas pelo falecimento de Júlio de Castilhos – fizeram com que Homero Baptista e Assis Brasil acabassem redirecionando sua ação política novamente para o cenário regional. Tendo em vista a intensa disputa em torno da herança e espólio políticos de Castilhos, Homero acabou por aproximar-se novamente do PRR, sendo reincorporado à agremiação em 1906, ao passo que Assis Brasil optou por atuar na disputa pelo governo do estado, por meio do apoio à candidatura de Fernando Abbott, aproveitando-se daquele que foi um dos maiores momentos de fragilização política do PRR.

## CONCLUSÃO

A análise das trajetórias de Homero Baptista e Assis Brasil demonstrou a complexidade de ser um dissidente no Rio Grande do Sul da virada do século XIX para o século XX, isso tanto quando consideramos o restrito



espaço de atuação conferido às oposições – leve-se em conta, por exemplo, as características centralizadoras da Constituição Estadual de 1891 e as eleições controladas pelo PRR – quanto pela intrincada trama de relações e alianças necessárias para a sobrevivência política desses agentes.

Ao longo do texto, foi possível observar que os dois dissidentes romperam com o partido na mesma conjuntura política e apontando motivações também semelhantes, que envolviam um descontentamento com o processo de centralização sofrido pelo partido e com a rápida sobreposição da chefia de Júlio de Castilhos. Após a cisão, os dois dissidentes acabaram por assumir posições diferenciadas. Ao passo que Homero Baptista partiu para um enfrentamento direto em relação ao PRR - por meio da fundação de um jornal e de um partido político, Assis Brasil manteve-se afastado dos principais debates do cenário rio-grandense, permanecendo vinculado ao governo federal, atuando politicamente por meio da diplomacia.

As estratégias de inserção política de ambos se aproximam na virada do século. Atentos à conjuntura nacional de cisão, tanto dentro do PRF quanto do PRP, que levou importantes lideranças paulistas a articular um partido nacional dissidente, os dois rio-grandenses trabalharam em prol de uma aliança com esses grupos, especialmente por meio do contato com Prudente de Moraes. Sabedores de que, no contexto pós-revolução federalista, em que o PRR já havia se firmado e as oposições haviam sofrido uma grande derrota, ambos acreditaram que a legitimidade/efetividade de sua ação política passava por articulações com grupos dissidentes de fora do estado.

Não obstante, ainda nos primeiros anos do século XX, a conjuntura política nacional e regional se modificou novamente. Nesse sentido, as mortes prematuras de Prudente de Moraes e Júlio de Castilhos acabaram determinando o encaminhamento de novas estratégias de ação política por parte de Homero Baptista e Assis Brasil. Ao passo que o primeiro buscou aproximar-se de seu partido de origem - o PRR -, o segundo passou a atuar mais fortemente no cenário rio-grandense, junto à oposição, demonstrando, assim, o quanto a margem de manobra e atuação da dissidência estava extremamente reduzida pela dinâmica do jogo político.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Sérgio. *Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- AITA, Carmem (Org.). *Joaquim Francisco de Assis Brasil: perfil biográfico e*

- discursos (1857-1938). Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2006.
- AITA, Carmem; AXT, Gunter; ARAÚJO, Vladimir (Orgs.). *Parlamentares gaúchos das Cortes de Lisboa aos nossos dias: 1821-1996*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1996.
- ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco de. Manifesto de Dezembro de 1891. *Jornal O Rio Grande*, Rio Grande, 19 dez. de 1891. (Acervo do IHGRGS).
- ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco de. Manifesto de Dezembro de 1891. *Jornal O Rio Grande*, Rio Grande, 21 dez. de 1891. (Acervo do IHGRGS).
- ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco de. Manifesto de Dezembro de 1891. *Jornal O Rio Grande*, Rio Grande, 29 dez. de 1891. (Acervo do IHGRGS).
- AXT, Gunter. *Gênese do Estado Moderno no Rio Grande do Sul (1889-1929)*. Porto Alegre: Paiol, 2011.
- BROSSARD, Paulo (Org.). *Idéias políticas de Assis Brasil*. Brasília: Senado Federal; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989.
- CASALECCHI, José Ênio. *O Partido Republicano Paulista: política e poder (1889-1926)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- Correspondência de Homero Baptista a Prudente de Moraes*. Porto Alegre, 08-07-1897. Lata 595, Pasta 15. Arquivo Particular de Prudente José de Moraes Barros. Acervo do IHGB.
- Correspondência de Homero Baptista a Prudente de Moraes*. Rio Grande, 22-01-1898. Lata 595, Pasta 19. Arquivo Particular de Prudente José de Moraes Barros. Acervo do IHGB.
- Correspondência de Homero Baptista a Vasco Xavier de Carvalho*. 07-05-1896. Arquivo Particular de Homero Baptista. Acervo do IHGRGS.
- Correspondência de Joaquim Francisco de Assis Brasil a Floriano Peixoto*. Buenos Ayres, 05/01/1893, n. 264. Arquivo Floriano Peixoto. Acervo do Arquivo Nacional.
- Correspondência de Joaquim Francisco de Assis Brasil a Prudente de Moraes*. Ilha Grande [Bordo do Itaituba], 27/10/1901, Lata 595, Pasta 30, Arquivo Particular de Prudente José de Moraes Barros. Acervo do IHGB.
- Correspondência de Joaquim Francisco de Assis Brasil a Prudente de Moraes*. Rio de Janeiro, 19-03-1902. Lata 595, Pasta 30, Arquivo Particular de Prudente José de Moraes Barros. Acervo do IHGB.

- FILHO, Alberto Venâncio. *Das arcadas ao bacharelismo: 150 anos de ensino jurídico no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- FRANCO, Sérgio da Costa (Org.). *Dicionário Político do Rio Grande do Sul (1821-1937)*. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2010.
- GRIJÓ, Luiz Alberto. Foi o PRR um “partido político”? *Logos*, v. 11, n. 1, p. 65-68. maio 1999.
- GRYNZSPAN, Mario. Os idiomas da patronagem: um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 5, n. 14, out. 1990.
- IMÍZCOZ, José María. Redes sociales y correspondencia epistolar: de la análisis cualitativo de las relaciones personales a la reconstrucción de redes egocentradas. *Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales*, v. 21, dic. 2011.
- JANOTTI, Maria de Lourdes. *Sociedade e Política na Primeira República*. São Paulo: Atual, 1999.
- Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 16 jul. 1891. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira.
- Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 29 out. 1892. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira.
- Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 15 mar. 1894. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira.
- Jornal *O Rio Grande*, Rio Grande, 06 dez. 1890. Acervo do IHGRGS.
- Jornal *O Rio Grande*, Rio Grande, 01 nov. 1890. Acervo do IHGRGS.
- Jornal *O Rio Grande*, Rio Grande, 21 out. 1890. Acervo do IHGRGS.
- LAPA, José Roberto do Amaral (Org.). *História política da República*. Campinas: Papirus, 1990.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. MORAIS, Prudente de. In: ABREU, Alzira Alves de; et.al. (Coords.). *Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930)*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.
- LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/ IEL, 1978.
- O'DONNELL, Fernando. *Francisco Miranda vivendo a República*. Porto Alegre: Metrópole, 1987.
- OSÓRIO, Joaquim Luís. *Partidos políticos no Rio Grande do Sul: período repu-*

- blicano. Porto Alegre: Assembléia Legislativa, 1992.
- RAMOS, Plínio de Abreu. Partido Republicano Paulista. In: ABREU, Alzira Alves de; et. al. (Coords.). *Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930)*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.
- RECKZIEGEL, Ana Luiza; AXT, Gunter (Orgs.). *História Geral do Rio Grande do Sul – República Velha (1889-1930)*. Passo Fundo: Méritos, 2007.
- SACCOL, Tassiana M. P. *Um propagandista da República: política, letras e família na trajetória de Joaquim Francisco de Assis Brasil (década de 1880)*. 2013. 210 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- SETEMY, Adrianna. Partido Republicano Federal. In: ABREU, Alzira Alves de; et. al. (Coords.). *Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930)*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.
- SILVA, Jandira M. M da; CLEMENTE, Ir. Elvo; BARBOSA, Eni. *Breve histórico da imprensa sul-riograndense*. Porto Alegre: CORAG, 1986.
- VAMPRÉ, Spencer. *Memórias para a história da Academia de São Paulo*. São Paulo: Saraiva e Cia., 1924.
- VISCARDI, Cláudia. *O Teatro das Oligarquias: uma revisão da política do café-com-leite*. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.
- WITTER, Sebastião. *Partido político, Federalismo e República*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1984.